



CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DO DESTERRO DE JUNDIAÍ

Regina Dragiça KALMAN¹

O Cemitério Municipal de Jundiaí, que por muitos é conhecido como o *'Cemitério da Saudade'* – embora jamais tivesse recebido oficialmente tal denominação – tem também o nome de Cemitério “**Nossa Senhora do Desterro**”, foi durante longo tempo, o único de toda a região de Jundiaí, várias delas ainda incorporadas ao município de Jundiaí, que ali enterravam seus mortos, como Cabreúva, Jacaré, Itupeva, Louveira, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jarinu

FUNDAÇÃO

Não se sabe ao certo quando foi inaugurado esse cemitério. Provavelmente tenha sido inaugurado em 12 de janeiro de 1872, mas não há um livro de ata de fundação, essa afirmação consta de uma carta assinada pelo Cônego Estanislau J. S. de Queiroz, documento que ficou muito tempo com o historiador e ex-prefeito Alceu de Toledo Pontes. Desconhece-se outro documento que faça alusão à possível data de sua fundação.

A epidemia ocorrida nos fins do século XIX, quando o cemitério local se situava no Bairro do Anhangabaú, talvez tenha apressado a

⁽¹⁾ É bacharel e licenciada em Ciências Sociais, Licenciada em História, Desenho e Plástica e Pedagogia, bacharel em Jornalismo e Direito. Especialista em História do Brasil, especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. Professora de História e Educação Artística. Artista plástica, fotógrafa, escritora, cronista e poetisa. Membro efetivo da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí e da Academia Jundiense de Letras. *E-mail*: reginakalman@yahoo.com.br

construção do Cemitério Municipal, que na ocasião ficava longe do centro da cidade. O livro de Tombo nº 01 da Igreja da Catedral de Nossa Senhora do Desterro de Jundiáí, onde poderia se encontrar anotações oficiais sobre a data da fundação, ao que se informa, foi extraviado em 1868. Por outro lado, há nos livros da Cúria uma citação do Cônego Estanislau J.S. de Queiroz, relativa ao Cemitério de São Bento, já no ano de 1839, não se sabe se ela se refere ao antigo ou ao ‘novo’ cemitério.

Os outros cemitérios ‘populares’ que se sabe terem existido em Jundiáí, localizavam-se na área onde se encontra hoje, a Praça Dr. Domingos Anastácio, na atual Praça Governador Pedro de Toledo, e nas vizinhanças da antiga Igreja do Rosário, onde atualmente se acha localizado o Gabinete de Leitura “Ruy Barbosa”. Consta que esses locais não eram propriamente ‘cemitérios’, mas apenas o lugar usado para sepultamento de pobres e escravos por estarem localizados próximos das igrejas. De qualquer forma, quando foram feitas escavações nesses locais, encontrou-se grandes quantidades de esqueletos humanos.

Consta por outro lado, que o começo da maioria dos cemitérios distantes da cidade ocorreu em virtude das grandes epidemias. Ao que tudo indica, também o Cemitério Municipal de Jundiáí teve sua origem ligada a esse fenômeno, pois foram muitas as epidemias do século XIX, principalmente as de varíola.

DOCUMENTOS E AS PRIMEIRAS REFORMAS

Os livros que existem do cemitério datam de 1891, portanto, são posteriores ao decreto- lei que regulamentou a formação dos cemitérios, qual seja, o decreto n. 789 de 27 de setembro de 1890. Segundo depoimento de funcionários da Prefeitura e da 1ª Delegacia de Polícia, foram queimados muitos documentos e livros considerados ‘velhos’ para serem guardados.

A partir de 14 de janeiro de 1891, assinado por Jacinto Franco de Lima, administrador na época, os livros do Cemitério passaram a ser regidos pela Câmara Municipal de Jundiáí, já que ainda não existia a Prefeitura (esta surgiu somente em 1905).

O Cemitério Municipal de Jundiáí passou por várias reformas, sendo que no início a sua entrada principal era na atual porta que dá para

a rua Barão de Jundiaí. É essa a parte mais antiga do cemitério, onde se entram também os personagens que mais se destacaram na vida pública e social da cidade nos séculos XIX e início do século XX.

A primeira reforma feita foi em 1938, pelo então prefeito Manoel Aníbal Marcondes (1938/43), que construiu a atual capela, aumentou a parte da frente do cemitério e a atual entrada principal.

Na primeira gestão do prefeito Vasco Venchiarutti (1948-51), foram pavimentadas as avenidas internas do cemitério. O prefeito Luiz Latorre (1952/55), aumentou as quadras 8-A, 12-B, 15-A e 20-A. O engenheiro Vasco Venchiarutti (1956/59), em sua segunda gestão como prefeito, aumentou mais quadras, quais sejam, as de n.38 a 43. Já o prefeito Omair Zomignani (1960/63), cuidou da calçada da parte aumentada pelo seu antecessor.

Depois, na gestão do prefeito Pedro Fávaro (1964/69), foram introduzidas as câmaras frigoríficas e aumentadas as quadras de nº 44 a 47. Nesta época, devido à superlotação do cemitério municipal – que tornou um problema social – começou-se a pensar na criação de outro, vindo a surgir o segundo Cemitério Municipal ‘Nossa Senhora do Monte Negro’, no Jardim do Lago em Jundiaí. Iniciado na gestão do prefeito Pedro Fávaro (e concluído na gestão do prefeito Walmor Barbosa Martins (1969/73). Na mesma ocasião surgiu o Cemitério Parque dos Ipês, ao lado da Vila Alvorada, um empreendimento particular do grupo liderado pelos senhores Nils Lerbach, Pedro Ribeiro, Virgílio Torricelli e Tranquilo Sacramoni.

Ainda na primeira gestão do prefeito Walmor Barbosa Martins, criou-se ‘gavetas’ nos muros do cemitério central, para aumentar sua capacidade de sepultamento. Na sua segunda gestão, o prefeito Walmor Barbosa Martins (1989/92), reformou o Velório Municipal, inaugurado em 1992 ao lado do Cemitério Municipal, com grande espaço interno para o próprio velório no espaço superior que contém quadros do artista plástico jundiaense Inos Corradin. Foi também incluída uma capela no subsolo para atos ecumênicos com janelas adornados com vitrais artísticos de autoria do artista plástico jundiaense Marco Antônio Scarelli. No projeto original, foram encomendados treze quadros grandes ao mesmo artista para as paredes da capela, dos quais dez foram concluídos, porém,

acabaram por não serem adquiridos pela prefeitura e o projeto ficou inacabado e o que poderia ser uma grande obra artística, ficou reduzida apenas aos vitrais.

PARTE ANTIGA

O centro do cemitério quando de sua fundação, era o portão que fica à esquerda do portão principal, com frente para a atual rua Barão de Jundiá, onde existia uma capela, que mais tarde foi demolida. Nessa parte é que estão sepultadas as pessoas de maior projeção naquela época, sendo os túmulos, em sua maioria, bastante suntuosos, construídos com mármore vindo de Carrara, cidade italiana. Alguns são simples, outros apresentam magníficos trabalhos de escultura, com anjos ou seres celestiais. As inscrições aparecem quase sempre esculpidas no próprio mármore, sejam em alto ou baixo relevo.

Não há quadras propriamente para classes sociais, embora realmente ‘sobrevivam’ os túmulos perpétuos. O mausoléu de Francisco Queiroz Telles é o que mais de destaca: é uma capela com, vitrais e altar. O mausoléu do Conde de Parnaíba, é de pedra maciça, ornado internamente com mármore branco.

Entre os túmulos com mármore de Carrara encontram-se também alguns com inscrições em inglês, italiano e hebraico. O túmulo com inscrição em hebraico é procurado por grande número de visitantes, pois desperta geral curiosidade. O mais interessante nesse túmulo, contanto, é que – segundo parece – houve um equívoco na anotação da data do falecimento da pessoa que ali está enterrada: pela inscrição existente, o falecimento teria ocorrido em 1888 da era cristã ou 5658 do ano hebraico, no entanto como pela comparação entre ambos os calendários, há uma diferença, ou seja, o ano correto da morte seria 1897 e não 1888.

Os livros de óbito do cemitério de 1891 a 1913 são em número de onze, os quais somados ao dos túmulos existentes, compõem uma documentação vasta para quem se interessa em pesquisas com o fito de enriquecer a nossa história regional e a própria história do Brasil.